



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INFANTIL EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

FABÍOLA DA CRUZ SILVA

Brasília
2024

FABÍOLA DA CRUZ SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INFANTIL NOS TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a comissão examinadora de Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Benedetta Bisol

Brasília/DF
Fevereiro 2024

FABÍOLA DA CRUZ SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Banca Examinadora:

Prof^a. Benedetta Bisol

Orientadora

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB)

Prof^a. Cândida Alves

Membro Interno

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB)

Prof^a. Caetana Silva

Membro Interno

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB)

Dedico a cada pessoa que me apoiou, principalmente à minha família e em especial à minha irmã, que nunca me deixou desistir. Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo nessa fase e por fim, à minha orientadora que viu um grande potencial em minha jornada e que me proporcionou experiências ótimas na minha formação.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por sempre estar comigo e por abençoar todas as minhas jornadas na UnB e também agradeço à minha família por me apoiar em cada fase desse caminho.

Em especial, eu sou totalmente grata à minha irmã Fabiana e ao meu amigo Vitor, por me ajudarem na escolha do meu curso e por nunca me deixarem desistir. Obrigada por acreditarem no meu potencial. Os dois foram fundamentais em todo o meu processo acadêmico.

Gostaria também de agradecer aos meus amigos Emily, Milena, Joana Beatriz, Nadine, Bruno, Luciana, Luz e Ana Paula, por estarem me acompanhando e torcendo pelo meu sucesso. Sei que posso contar com o apoio de todos vocês. Agradeço ao Grupo Redenção, pois fiz muitas amizades de pessoas que me incentivaram bastante, que levo para o coração.

Às minhas amigas que fiz durante a graduação: Danielle, Isabelle, Milene Costa e Milene Rodrigues: foi incrível compartilhar todos os momentos que o curso de Pedagogia me proporcionou ao lado de todas vocês! A minha jornada se tornou leve e proveitosa. Tenho certeza que nossa amizade durará por muitos anos.

Por fim, às minhas coordenadoras dos estágios em que eu tive oportunidade de trabalhar, obrigada Rosa, Fernanda, Ana Cláudia e professora Aline, por me darem autonomia e acreditarem que eu irei longe.

E à minha orientadora Benedetta, por me possibilitar ter grandes experiências, ressaltando o projeto da Pandemia: “Conversas de Lugar Nenhum”. Nele conheci pessoas maravilhosas e muito inteligentes, que acrescentaram muito em minha formação. Obrigada professora, por me proporcionar momentos maravilhosos e enriquecedores!

*“Ensinar não é transferir
conhecimento, mas criar as
possibilidades para a sua
própria produção ou a sua
construção.”*

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender o processo de alfabetização e letramento nos tempos de pandemia e dos impactos causados pela suspensão do ensino presencial. A difusão da doença Covid-19 interferiu bastante não apenas na educação. Os processos de aprendizagem e ensino nesses tempos foram cheios de desafios, especialmente para crianças dos anos iniciais, que começam a aprender a ler e escrever. Nas aulas presenciais, a aprendizagem da forma escrita depende de uma boa orientação das relações oralidade-escrita, que não aconteceu da mesma forma no ensino remoto. Em muitos casos, docentes relataram que não estavam conseguindo acompanhar o discente do jeito que deveriam, dando o auxílio que ele precisava. Os professores tentaram criar formas alternativas para deixarem o conteúdo mais dinâmico. A fase da alfabetização e letramento infantil é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois é nessa hora que elas desenvolvem a habilidade de ler e escrever e a usar competentemente a leitura e a escrita nas práticas sociais. Apesar dessa dificuldade, as escolas tentaram adaptar seus métodos para auxiliar os pais nessa jornada também.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Ensino remoto; Pandemia.

ABSTRACT

The work aims to understand the process of literacy and reading in times of pandemic and the impacts caused by the suspension of classroom education. The spread of Covid-19 disease has greatly interfered not only in education, but in other areas as well. The learning and teaching processes in these times were full of challenges, especially for children of the early years, who begin to learn to read and write. In face-to-face classes, learning the written form depends on a good orientation of oral-written relations, which did not happen in the same way in remote education. In many cases, teachers reported that they were unable to follow the student the way they should, giving the help he needed. With this, teachers tried to create alternative ways to make the content more dynamic. The phase of literacy and children's reading is fundamental for the development of children, because it is at this time that they develop the ability to read and write and to competently use reading and writing in social practices. Despite this difficulty, schools have tried to adapt their methods to help parents on this journey as well.

Keywords: Literacy; Remote education; Pandemic.

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Problemas da pesquisa	15
1.2. Objetivos da pesquisa	15
1.2.1. Objetivo Geral	15
1.2.2. Objetivo Específico	15
1.3. A PANDEMIA E A EDUCAÇÃO	16
2. ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO	19
3. O ensino remoto e a educação a distância	25
3.1. Exclusão digital	26
3.2. Saúde mental	29
4. PROJETO – Conversas de lugar nenhum	31
5. LEVANTAMENTO DE DADOS	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
7. REFERÊNCIAS	38

MEMORIAL

A vida é uma constante evolução, que sempre nos possibilita aprender e nos leva a conhecer pessoas incríveis para compartilhar grandes momentos que só ao longo da caminhada vamos percebendo o quanto elas nos tornam mais confiantes e nos fazem acreditar que tudo dará certo.

Nunca imaginei que aos 23 anos estaria escrevendo um trabalho acadêmico e que estaria em uma Universidade Federal, no qual vivenciei muitas coisas durante esta jornada. Eu entrei na UnB no segundo semestre de 2019, só tive um semestre presencial e logo começou a pandemia, acredito que foi um momento muito difícil para todos.

Mas voltando um pouco em minha trajetória, eu sempre estudei em escola pública, meus pais também na infância deles. Concluí meus estudos em 2017, junto com a minha irmã gêmea, a Fabiana, nós duas sempre tivemos o sonho de entrar na faculdade, fizemos a prova do Programa de Avaliação Seriada - PAS, mas infelizmente eu não passei, mas a minha irmã sim, fiquei muito feliz por ela e a notícia por ela ter passado me deu ainda mais forças para não desistir.

No ano de 2018 fiz cursinho para prestar o vestibular da UnB, fiquei até o meio do ano fazendo, mas também não consegui passar. No final do ano tentei o Enem pela segunda vez, porque tinha tentado em 2017, mas também não deu certo. No ano seguinte, em 2019, não fiz nenhum cursinho, fiquei somente vendo vídeo aula e de vez em quando ia para a UnB com a minha irmã e ficava estudando na biblioteca e foi nesse ano que passei, estava muito desacreditada, porque já tinha tentado 4 vezes, quando vi que tinha passado fiquei muito feliz.

A escolha do curso de Pedagogia veio muito por causa da influência da minha família, que há muitos professores, meu pai é formado em Letras – Português/Inglês, tenho uma prima pedagoga e um primo formado em matemática, minha irmã também foi para a área da educação, ela faz Letras

Português do Brasil como Segunda Língua na UnB.

Tive muito incentivo das pessoas que tenho mais convívio, mas desde pequena eu sempre gostei de ajudar o próximo, ficava muito feliz quando percebia que conseguia fazer com que alguém aprendesse algo que eu busquei da minha forma tentar ensinar. Na área da educação se tem uma troca de saberes e isso me encanta muito, porque ao mesmo tempo que ensinamos, também estamos aprendendo com aquela pessoa, nela eu vejo o quão a pessoa pode se possibilitar a fazer algo novo, se reinventar, eternizar vivências e o mais importante, a educação permite que a pessoa tenha uma formação e percepção de si mesmo e dos outros.

Eu estava muito animada com o meu primeiro semestre, tinha 5 disciplinas e aulas 3 vezes na semana, estar na Universidade é uma experiência única, lá é um ambiente super grande e bem diverso. Conclui o semestre, fiz amizades e já estava aguardando o próximo semestre para saber se era o que eu realmente queria.

No ano de 2020 a Covid-19 chegou, com isso a Universidade suspendeu todas as aulas e ninguém sabia o que iria acontecer depois, lembro que antes deles tomarem essa decisão a UnB teve uma semana de aula, mas a Faculdade de Educação tinha adiado as aulas para começar só na outra semana, porque estava tendo contratação de professores. Na outra semana que iria ter aula, já estava tudo fechado por conta da Pandemia.

Do segundo ao quinto semestre fiz todo online, tive metade da minha graduação remota e metade presencial. Foi um misto de sentimentos e um grande desafio tanto dos alunos, quanto dos professores darem aula nesse modelo, porque não é nada fácil ficar horas e horas atrás das telas.

Ao longo da caminhada fui monitora de duas disciplinas: Alfabetização e Letramento, e Língua Materna, foi incrível ter a experiência de poder acompanhar essas matérias de uma visão diferente e de poder estar à disposição de outras pessoas tirando as dúvidas. A disciplina de Alfabetização e Letramento me propôs uma oportunidade, motivo este da escolha do tema da minha dissertação. Em 2021 fiz um trabalho nessa

disciplina no qual eu teria que acompanhar uma criança de forma online, foi muito desafiador pensar em estratégias para ensinar uma pessoa do outro lado da telinha.

Fiz esse trabalho com uma pessoa que conheci ao longo da graduação, a Maria Luisa, nós duas sempre nos reuníamos para buscar formas para fazer com que os minutos que tínhamos com aquela criança fossem bem proveitosos e, de fato, foi uma ótima experiência, era o momento mais legal do meu dia, porque fazia algo diferente, por mais que eu só estivesse observando, eu ficava tão contente quando ele conseguia fazer o que tínhamos planejado.

No mesmo ano de 2021, também entrei em um projeto, o LDV que fica na Faculdade de Educação, ele era voltado para a adaptação de materiais acessíveis, a sigla significa Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual. O projeto foi totalmente remoto e eu tinha a função de adaptar os textos que me eram propostos. Para que adaptação de um texto acontecesse, ele era dividido em três partes: a revisão 1, que eu ficava e nela tinha que pegar todos os textos em PDF e colocá-los em formato Word e fazer todas as alterações necessárias, como alterar a fonte, colocar em negrito, dar os espaçamentos necessários, enfim, cada pessoa responsável por uma dessas três partes, seguia instruções que nos eram passadas.

Depois de colocar o texto nas configurações, vinha a parte 2 que era a revisão geral para ver se estava tudo no formato certo e, por fim, a última parte, que era a transcrição, quando os textos eram transformados em áudios. Tinha textos de diversos departamentos, foi gratificante fazer parte de um projeto inclusivo dentro da UnB e minhas experiências, que tive durante o tempo remoto foram incríveis para a minha formação, porque pude ampliar ainda mais a minha visão e me coloquei também mais no lugar do outro.

Em 2022 tive a oportunidade de trabalhar no PIJ – Programa Infante Juvenil que fica no Campus Darcy Ribeiro da UnB. Trabalhei presencialmente durante a fase de suspensão das aulas presenciais na UnB; todos os dias ia para a Universidade, via ela completamente vazia e

foi bem triste não ver ela cheia de vida.

No meio de 2022 a UnB voltou com suas atividades presenciais e os semestres foram se normalizando ao decorrer do ano e, no ano de 2023, passei a fazer parte do projeto Conversas de Lugar Nenhum, com a professora Benedetta, nele tratamos de assuntos da Pandemia referentes aos impactos que foram causados na vida dos profissionais e alunos.

Acredito que tive uma caminhada proveitosa na Universidade e fico muito feliz com todas as oportunidades que tive, tentei aproveitar ao máximo cada uma. Por meio de cada experiência, eu consegui escolher o tema da minha dissertação, que envolve muito o que vivenciei na minha trajetória acadêmica em tempos pandêmicos.

Alfabetização e letramento sempre fizeram meus olhos brilharem, sei que alfabetizar não é fácil, mas veio a Covid-19 e o que não era fácil se tornou mais difícil ainda. Esse tema me fez pensar em como foi e como está sendo a alfabetização das crianças, porque a Pandemia trouxe consequências significativas no aprendizado das mesmas.

Quando entrei na faculdade, eu tinha no meu coração que queria fazer alguma diferença, mesmo que fosse para uma pessoa, já ficaria muito contente. Ao longo da minha graduação, aprendi a olhar o outro de uma nova maneira, tentei conversar mais, porque sou um pouco tímida também, tive o prazer de conhecer profissionais maravilhosos que acreditaram em mim e me fizeram perceber o quão capaz eu sou. Aprendi muito com meus familiares e amigos a amar sem querer nada em troca, pois prezo muito pelos bons momentos e cada aprendizado adquirido.

1. INTRODUÇÃO

A experiência da pandemia de Covid-19 nos trouxe uma grande reflexão para toda a vida e uma visão maior em relação à educação. Desde março de 2020, quando foi decretado pela OMS o estado de emergência, devido à difusão exponencial de uma doença do aparelho respiratório ainda desconhecida e com êxito muitas vezes letal, foram tomadas medidas restritivas da circulação de pessoas, em quase todos os países do mundo, que durou até 24 de abril de 2022. A pandemia levou à suspensão do ensino presencial nas escolas em mais de 190 países (UNESCO, 2020). Isso aconteceu também no Brasil: as aulas presenciais foram suspensas em todas as instituições de ensino, públicas e particulares.

Enfrentar esta situação foi bem difícil para todos os docentes e discentes: crianças dos anos iniciais, que acabavam de ingressar na escola enfrentaram problemas, sem poder encontrar presencialmente seus docentes alfabetizadores. As crianças acompanharam as aulas desde casa, utilizando recursos do ensino remoto ou material em papel impresso fornecido pela escola a ser trabalhado em casa pelas próprias crianças, com a ajuda dos familiares. Os docentes tentaram encontrar formas alternativas para deixarem o conteúdo mais dinâmico, de modo que as crianças não interrompessem o processo de aprendizagem.

A fase da alfabetização e letramento infantil é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois é neste momento que elas desenvolvem a habilidade de ler e escrever, assim como utilizar competentemente a leitura e a escrita nas práticas sociais. Apesar dessas dificuldades, as escolas foram tentando adaptar seus métodos para auxiliar os pais nessa jornada, solicitando a colaboração das famílias. Magda Soares aborda os desafios da alfabetização e letramento no contexto da pandemia, destacando que “A presença do alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa.” (Soares, 2020).

Alfabetizar é um processo desafiador, pois além do docente ensinar a ler, escrever e contar números, ele apoia as crianças no processo de

compreender, interpretar, criticar e produzir o conhecimento.

Considerando os objetivos dessa pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, com a utilização de pesquisa bibliográfica. Segundo Marconi, Lakatos, (2018): “A pesquisa bibliográfica é considerada como o primeiro passo de qualquer pesquisa científica”. Por meio dela, procura-se reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir do tema estabelecido.

1.1. Problema de pesquisa

Essa pesquisa tem por objetivo discorrer sobre como o processo de alfabetização e letramento no tempo de pandemia afetou escolas, crianças, seus responsáveis e docentes dando destaque à seguinte questão: Como alfabetizar no ensino remoto em condições de vulnerabilidade econômica e exclusão social

1.2. Objetivos da pesquisa

1.2.1. Objetivo Geral

Entender os impactos da pandemia no processo de alfabetização e letramento das crianças, considerando especialmente suas implicações socioeconômicas e o acesso às tecnologias digitais.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Discorrer sobre as condições socioeconômicas e de acesso aos meios de comunicação digital de crianças que frequentaram os anos iniciais da escola durante o período de ensino remoto;
- Identificar as dificuldades que os pais, professores e crianças enfrentaram durante o processo de alfabetização e letramento;
- Identificar os efeitos da pandemia e da exclusão digital no âmbito da educação.

1.3. A PANDEMIA E A EDUCAÇÃO

No ano de 2020, o mundo se deparou com a Covid-19, causada por um vírus chamado SARS-CoV-2. A epidemia começou na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas rapidamente se espalhou pelo mundo e logo se tornou uma preocupação mundial, porque se trata de uma doença respiratória aguda grave de rápida infecção e transmissão.

Tem como principais sintomas a febre, cansaço e tosse seca e outros sintomas menos comuns, que podem afetar alguns pacientes como perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náuseas, vômito, diarreia, calafrios e tonturas.

Do dia para a noite tudo fechou: escolas, comércio, igrejas... foi um momento de bastante medo, pois não se sabia o que ia acontecer a partir dali. A quarentena começou no Brasil no dia 11 de março de 2020, após essa data, vivenciamos uma grande crise financeira, econômica, social, sanitária e política.

A quarentena é uma medida de saúde pública para evitar que doenças se espalhem pela população, durante alguns meses da pandemia, grande parte da população ficou reclusa em casa, famílias deixaram de se encontrar presencialmente e as crianças, adolescentes e adultos deixaram de ir às escolas.

No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, enquanto durasse a situação de pandemia da COVID-19. No Brasil, em todos os estados houve a suspensão de aulas para conter o avanço da pandemia por coronavírus - SARS-CoV-2.

No mundo, de acordo com os dados de 2020 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que monitora os impactos da pandemia na educação, 191 países determinaram o fechamento de escolas e universidades. A decisão atingiu cerca de 1,6 bilhão de crianças e jovens, o que corresponde a 90,2% de todos os estudantes.

As recomendações que o MEC orientou para a educação infantil,

creche e pré-escola, foi que os gestores buscassem uma aproximação virtual dos professores com as famílias, de modo a estreitar vínculos e fazer sugestões de atividades às crianças e aos pais e responsáveis. As soluções propostas pelas escolas e redes de ensino deviam considerar que as crianças pequenas aprendessem e se desenvolvessem brincando prioritariamente. (MEC, 2020)

Cada local aderiu a uma alternativa de ensino “com o objetivo de reduzir o prejuízo educacional e a preservação do direito à educação”. De acordo com os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2020, antes da pandemia, 1,3 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar já estavam fora da escola no Brasil. Com a pandemia, os dados mostraram uma evasão de aproximadamente 4 milhões de meninos e meninas, ou seja, um total de mais de 5 milhões de crianças e adolescentes desvinculados da escola, que não estavam participando de maneira regular.

É importante ressaltar a importância da formação continuada de professores alfabetizadores. Essa formação deve possibilitar que eles identifiquem quais são as principais dificuldades de aprendizado dos alunos, e também desenvolvam novas práticas pedagógicas para contribuir com a alfabetização destes estudantes.

No contexto pandêmico, os docentes tiveram que aprender como adequar as atividades assim como os planejamentos ao formato do ensino remoto. Os pais tiveram dificuldades, entre outras questões, por não saber que por trás de todo conteúdo a ser trabalhado em sala de aula existe uma intencionalidade pedagógica.

Embora não estejamos mais em uma situação emergencial devido ao Ministério da Saúde que declarou o fim da Emergência Pública em 22 de abril de 2022, não podemos esquecer dos desafios que enfrentamos durante o período de ensino remoto e a suspensão das aulas presenciais. Lembramos que nem todas as famílias possuíam um acesso contínuo e de qualidade à rede internet; os aparelhos eletrônicos, na maioria das vezes, eram divididos entre as pessoas da casa. Vale a pena ressaltar também que a maioria dos pais não tinham o preparo para ajudarem os seus filhos

nas tarefas escolares, porque muitos deles não tiveram uma boa educação quando pequenos.

Dando aula durante a pandemia, o professor tinha que levar em consideração ainda com mais cuidado todo o contexto social em que a criança estava inserida. A responsabilidade e o olhar do docente cresceram mais e mais, pois o trabalho dele não foi só ensinar a distância as crianças, mas orientar os pais para eles darem aos filhos o apoio necessário durante esse tempo de pandemia.

É importante destacar o quanto a postura dos responsáveis foi essencial para o desenvolvimento das crianças, pois foram os familiares e cuidadores que tiveram que incentivar seus filhos a lerem e verem vídeos educativos. De acordo com a Presidente executiva do “Todos Pela Educação”, Priscila Cruz, a leitura no ambiente familiar é bastante necessária e é uma forma de reduzir um pouco os impactos negativos que as crianças tiveram durante a pandemia, mas por outro lado salienta a desigualdade que existem nos lares brasileiros, como já foi mencionado acima: “Em alguns lares, há livros e pais alfabetizados que conseguem ler para os seus filhos, em muitos outros, a realidade é oposta a essa.” (Cruz, 2020).

Porém, apesar de existir esta grande questão, o aspecto positivo foi que a escola e a família criaram um elo maior do que antes, na medida em que houve a necessidade de os pais entrarem em contato com os professores e acompanhar de perto os estudos de seus filhos, passando a olhar a educação com outros olhos.

Com relação ao tema proposto, ele remete o processo de alfabetização e letramento infantil nos tempos de pandemia, com uma visão diferente, que ao se colocar no lugar das famílias, busca compreender as dificuldades que elas enfrentaram.

Considero bastante importante esse tema por ser analisado de uma forma ampla o contexto da sociedade através das desigualdades sociais, e se pode enxergar problemáticas que os docentes também enfrentaram diariamente para ajudarem a criança e os pais da melhor forma.

Deve ser levado em conta os métodos pelos quais se foram utilizados pelos professores, para que as crianças pudessem aprender a ler

e a escrever, através de desenhos e outras atividades interativas, para que o aluno mesmo em casa conseguisse aprender e prestar atenção no conteúdo que era passado.

Nesse contexto, em que estudantes e professores aprendem em conjunto, Paulo Freire diz que o processo educativo acontece nas duas direções, pois “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p.79).

2. ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO

A alfabetização é o processo inicial de transmissão de leitura e escrita, ou seja, ela desenvolve a aprendizagem das letras e símbolos escritos, já o letramento se ocupa da função social de ler e escrever. Segundo Magda Soares (2001), não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la: “Não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita”.

Segundo Soares, a pessoa sem letramento se alfabetiza, porém não adquire competências para usar os conhecimentos que lhes foram ensinados. A alfabetização e o letramento são fundamentais na educação infantil, assim como a pesquisadora destaca:

Os pequenos, antes mesmo do ensino fundamental, devem ter acesso tanto a atividades de introdução ao sistema alfabético e suas convenções, a alfabetização, como também práticas sociais de uso da leitura e da escrita, o letramento (Soares, 2009).

O processo de alfabetização desenvolve as habilidades de leitura e escrita, como mencionado acima, porém é necessário que se tenha a intermediação do professor, para que a criança se aproprie desse método. Paulo Freire (2007), salienta que a alfabetização permite o desenvolvimento de uma consciência crítica, ou seja, o professor deve levar em conta que os conhecimentos apresentados às crianças sejam coerentes com as realidades que elas vivem.

Freire ainda ressalta que compreende os processos de alfabetização e de educação do ser humano como prática de liberdade e considera que o

diálogo é fundamental para a transformação da própria realidade. Para ele, aprender a ler e escrever é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, o que permite ao ser humano constituir-se e compreender-se socialmente por meio da linguagem (Freire, 1989).

A apropriação da leitura e a escrita permitem ao ser humano participar de forma mais plena na sociedade. Em nossa sociedade, em geral as crianças são alfabetizadas na escola. Mas o papel da escola vai além do alfabetizar, devendo formar pessoas leitoras competentes e dar sentido ao ato de ler e escrever.

A alfabetização é um processo contínuo, pois no decorrer de nossas vidas estaremos sempre em constante aprendizagem, seja na questão intelectual, que se refere a escrita ou a fala, porque estar aprendendo é estar se alfabetizando.

Tem-se tentado, ultimamente, atribuir um significado demasiado abrangente à alfabetização, considerando-a um processo permanente, que se estenderia por toda vida, que não se esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita. É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. (Soares, 2012, p. 15)

Soares ainda enfatiza que:

Pode se concluir da discussão processo de alfabetização a respeito do conceito de alfabetização, que essa não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Essa complexidade e multiplicidade de facetas explicam porque o processo de alfabetização tem sido estudado por diferentes profissionais, que privilegiam ora estas ora aquelas habilidades, segundo a área do conhecimento a que pertencem. (Soares, 2012, p.18)

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. O documento mostra diretrizes específicas para a etapa escolar de alfabetização, e afirma que o letramento deve permear todas as fases de aprendizado.

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, pp. 65-66)

Os textos mais indicados nas fases iniciais, são os que estão inseridos no cotidiano de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no espaço doméstico e familiar, escolar, cultural e profissional como lista de compras, agendas, bilhetes, convites, cartas, cardápios, diários, receitas, regras de jogos e brincadeiras.

O documento menciona o letramento digital e o estudo de gêneros digitais no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. No espaço virtual, o letramento vai além do simples ato de aprender a manusear um computador ou aprender a digitar. Configura-se em um processo social de inclusão digital, que envolve saber usar os recursos tecnológicos e analisar, compreender e interpretar a escrita e as informações recebidas. A competência 5 da BNCC diz:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018)

Vygotsky (1991) destaca que é pela presença de outra pessoa que a criança vê a necessidade de produzir uma escrita e uma leitura compreensível. Com efeito, inicialmente a criança não “lê” o que está escrito, mas o que acredita estar escrito. Segundo Vygotsky, o que leva a criança a escrever são os gestos visuais: “Os gestos são a escrita no ar e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados.” (Vigotski, 1991, p. 121). É importante salientar que as atividades de leitura e escrita são processos bastante complexos. A alfabetização e o letramento requerem uma organização adequada para que eles ocorram da maneira mais natural possível, pois, quando ela é atingida, a criança passa a dominar e aperfeiçoar esse método. Vigotski afirma: “A pedagogia deve orientar-se não no ontem, mas no amanhã do desenvolvimento da criança” (Vigotski, 2001, p. 333).

Para complementar a posição de Vigotski, podemos considerar as ponderações de Paulo Freire que destaca como o ser humano aprende a ler o mundo muito antes de aprender a escrever e a ler, num sentido técnico. Freire afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra fundamentando-se na antropologia: o ser humano, muito antes de inventar

códigos linguísticos, já lia o seu mundo.” Isso significa que a experiência do mundo como ato de ler o mundo é algo fundamental e ela de certa forma precede a alfabetização; sem experiência do mundo, ou com uma experiência do mundo limitada e empobrecida, não há como aprender a ler e escrever, num sentido pleno.

A partir disso, podemos olhar agora qual era a situação em que as crianças se encontravam nas primeiras fases da pandemia e até que ponto podemos considerar ela como “adequada” ou minimamente compatível com o processo de alfabetização. Com o fechamento das escolas, as famílias acabaram sendo sobrecarregadas com as atividades remotas e as aulas *on-line* dos filhos. Também dependendo dos recursos digitais à disposição de cada família, os irmãos precisavam compartilhar aparelhos, entre si e com os pais, que necessitavam continuar a trabalhar em *home-office*. Também os professores fizeram o melhor possível dentro de suas casas, para apresentar, filmar, produzir vídeo-aulas interessantes para os alunos com os recursos que tinham. De acordo com Silva Neto e Santos (2020, p. 32), “usar tecnologias da informação para manter a interação com os alunos foi umas das opções viáveis neste contexto de pandemia”, contribuindo assim para a formação do aluno.

Em junho de 2020, o MEC publicou a Portaria nº 544 (16 de junho de 2020), posteriormente alterada pela Portaria nº 1.038 de 7 de dezembro de 2020, autorizando a substituição das aulas presenciais por aulas virtuais no período da pandemia (MEC, 2020). O *Conselho Nacional de Educação* (CNE) apresentou um parecer mostrando-se favorável à reorganização do calendário escolar e autorizando as atividades não presenciais para o cumprimento da carga horária mínima anual, e regulamentou a utilização do ensino remoto nas redes privadas e públicas do país:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) previa a possibilidade de ensino a distância em casos emergenciais. A partir disso, os Conselhos de Educação de vários estados se manifestaram para regulamentar e amparar as escolas que optaram por continuar suas atividades pedagógicas de maneira remota (CNE, 2020).

No entanto, precisamos levar em conta que nem todos os estudantes

se encontravam na mesma situação, em relação também à disponibilidade de recursos e ferramentas digitais. Durante a fase de suspensão das aulas presenciais, muitos estudantes não possuíam (e muitos ainda hoje não possuem) acesso à rede internet. Como mostra a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação 2021* (Pnad TIC), mais de 7,280 milhões de famílias não tinham conexão de internet em casa no ano de 2021. (IBGE 2021). Com base na mesma pesquisa, podemos observar também que cerca de 28,2 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais de idade não usavam a internet, sendo 3,6 milhões deles estudantes.

Os excluídos digitais representavam 15,3% da população com 10 anos ou mais de idade. Dois em cada dez apontaram motivos financeiros para a falta de acesso à internet: 14,0% disseram que o acesso à rede era caro, e outros 6,2% declararam que o equipamento eletrônico necessário era caro. Os dois motivos mais mencionados para a exclusão digital foram não saber usar a internet (42,2%) e falta de interesse em acessar a internet (27,7%). Entre os estudantes que não tinham internet, a maioria frequentava a rede pública de ensino: 94,7%. Dos estudantes de 10 anos ou mais que ainda eram excluídos digitais em 2021, 25,1% relataram maior peso da questão financeira para o problema.

No mundo contemporâneo, sobretudo nas cidades, a dificuldade de acesso à internet dificulta não somente as atividades cotidianas (vemos em serviços públicos, ou de agências bancárias, cada vez mais pensados para ser usufruídos através de dispositivos digitais) como também limita fortemente o acesso a oportunidades de formação de muitas pessoas.

Outra questão a ser ressaltada é que a pandemia deixou em grande evidência a desigualdade social, no Brasil. De modo geral, podemos observar que a rede de ensino privada, por dispor de maiores recursos financeiros, conseguiu se adequar às exigências do ensino remoto de forma mais rápida. Já as escolas públicas precisaram de mais tempo para se adaptar novamente. De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Datafolha, em janeiro de 2022, 4 milhões de estudantes abandonaram a escola durante a pandemia. As principais motivações foram a dificuldade do acesso remoto às aulas e problemas financeiros. A professora de história

Nivia Marques Monteiro do estado do Ceará, salienta que:

A pandemia aumentou a miséria, a desigualdade social e, de quebra, a desigualdade escolar. Se a gente não tem a condição normal de aprender, perdemos essa possibilidade e serão anos para retornar. Precisamos fazer um esforço para enfrentar essa disparidade entre alunos que conseguiram acompanhar remotamente com internet, aparelho celular, e tivemos alunos que não acompanharam porque tiveram problema de sinal e de energia. (Monteiro, 2022).

Diante das questões levantadas, vemos os desafios e esforços de estudantes, famílias e educadores que foram grandes e agora analisaremos os impactos pré- e pós-pandemia.

Nenhum país estava preparado para a Covid-19 e conseqüentemente a educação foi afetada, porque ninguém tinha ou sabia quais instruções seguir, o que fazer e como ensinar. Foram levantados enormes desafios, estudos nacionais e internacionais sugerem quatro efeitos que causaram grandes impactos nas redes públicas de ensino: (I) perda de aprendizado; (II) aumento das desigualdades de aprendizado; (III) aumento do abandono escolar; e (IV) impactos negativos no bem-estar e na saúde mental. Com a interrupção das atividades presenciais nas escolas, teve um impacto negativo no aprendizado dos estudantes no mundo inteiro. No Brasil, estudos identificaram perdas médias estimadas entre 4 a 10 meses de aprendizagem, sendo maior em matemática e entre crianças mais novas.

De acordo com pesquisas feitas na *Fundação Maria Cecília Souto Vidigal* (2021), os dados sugerem que as crianças que vivenciaram a pré-escola em 2020, no formato remoto, tiveram perdas estimadas de seis meses de aprendizagem em matemática e de sete meses em linguagem. O estudo também coletou dados das crianças que terminaram a educação infantil em 2021 e que vivenciaram aproximadamente 16 meses de ensino remoto. O resultado sugere uma perda média de até 10 meses de aprendizado. Outro efeito documentado na literatura é o aumento das desigualdades de aprendizagem nos anos de 2020 e 2021.

Os alunos em situação de maior vulnerabilidade social foram os mais afetados, pois com a falta das redes eles acabaram não tendo uma

aprendizagem tão boa quanto as pessoas que têm um poder aquisitivo melhor, por exemplo. O abandono escolar subiu bastante durante a pandemia, especialmente os alunos em situação de vulnerabilidade.

Análises apresentadas em audiência pública na *Comissão Externa de Acompanhamento dos Trabalhos do Ministério da Educação* (MEC), realizada em 23 de junho de 2022, mostraram que a etapa mais impactada pelos efeitos da pandemia no abandono foi a educação infantil, seguida pelos anos iniciais do ensino fundamental.

3. O ensino remoto e a educação a distância

Educação a distância e ensino remoto não são a mesma coisa. O artigo 80 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispõe sobre as instituições ofertas de cursos ou programas, na modalidade a distância, ela diz que:

Educação a distância é a modalidade educacional que busca superar limitações de espaço e tempo com a aplicação pedagógica de meios e tecnologias da informação e da comunicação e que, sem excluir atividades presenciais, organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares (BRASIL, 1996).

Os estudantes no ensino remoto têm aulas virtuais no mesmo horário em que estariam presentes na instituição de ensino, respeitado o percentual de tempo previsto no normativo institucional e no plano pedagógico do curso. O ensino a distância, por sua vez, também utiliza as plataformas digitais, mas tem seu formato próprio de ensino-aprendizagem.

O Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, regulamenta a educação a distância como:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.” (BRASIL, 2017)

A educação a distância foi criada para atender estudantes que desejam fazer o curso inteiro superando as limitações de espaço e tempo,

sendo uma das principais características dessa forma de estudo a flexibilidade. O ensino remoto, por outro lado, é uma ação emergencial, em meio às consequências da pandemia, para que as aulas acontecessem, sem prejudicar os estudantes, da educação básica e da superior, durante a suspensão das aulas presenciais. O ensino remoto é uma adaptação temporária do ensino presencial, enquanto o ensino a distância é pensado estrategicamente como modalidade de ensino.

O ensino remoto adotado durante a crise sanitária foi objeto de várias críticas, tais como: perda do contato com colegas e com professores; distrações em casa; falta de acesso à internet; falta de preparação dos professores para atuarem no meio digital e falta de disponibilidade de aparelhos, como celulares e computadores.

3.1. Exclusão digital

Os impactos da pandemia na educação foram gigantes, mas o fator que veio fortemente foi a desigualdade social, principalmente em relação às crianças, uma vez que são sujeitas a situações de maior vulnerabilidade. A exclusão social pode ser considerada essencialmente como uma situação de falta de acesso às oportunidades oferecidas pela sociedade aos seus membros.

Dessa forma, a exclusão social pode implicar privação, falta de recursos ou, de uma forma mais abrangente, ausência de cidadania, se, por esta se entender a participação plena na sociedade nos diferentes níveis em que esta se organiza e se exprime: ambiental, cultural, econômico, político e social (AMARO, 2004, *apud* ALMEIDA et al., 2005, p.57). Entre as consequências da exclusão social está a exclusão digital. O ensino remoto, em 2020, nos mostrou ainda mais o quanto o acesso aos meios de comunicação são essenciais. Mas, infelizmente, a internet não está ao alcance de todos devido a diferentes fatores.

Exclusão digital pode ser vista por diferentes ângulos, tanto pelo fato de não ter um computador, ou por não saber utilizá-lo (saber ler) ou ainda por falta de um conhecimento mínimo para

manipular a tecnologia com a qual convive-se no dia-a-dia. De forma mais abrangente, podem ser consideradas como excluídas digitalmente as pessoas que têm dificuldade até mesmo em utilizar as funções do telefone celular ou ajustar o relógio do videocassete, observando-se assim que a exclusão digital depende das tecnologias e dos dispositivos utilizados (Almeida *et al.*, 2005, p.56).

A internet, segundo Castells (2003), é considerada o maior mecanismo tecnológico dos últimos anos, por ter um grande alcance na conexão com pessoas nas mais variadas ocasiões por todo o mundo. Ribeiro & Clímaco (2020) afirmam que a vivência da pandemia intensificou o uso de recursos tecnológicos e as interações virtuais com as crianças e seus familiares, mostrando que as práticas pedagógicas precisam avançar na utilização de recursos coerentes, de modo a garantir a aprendizagem e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Essas autoras enfatizam o quanto essa prática é um desafio para a educação infantil, é preciso considerar que crianças não devem ser expostas por muito tempo às telas, seu uso deve ser acompanhado por adultos responsáveis e a utilização desses recursos necessita do apoio da equipe escolar.

Com o fechamento das escolas a partir de março de 2020, houve um agravamento nas condições de aprendizagem na educação básica, particularmente na educação infantil e nos anos iniciais. O percentual de crianças não alfabetizadas no início do Ensino Fundamental I pulou de 25% em 2019 para 40% em 2021, mas para as crianças pretas e pardas, o aumento foi 28,8% para 47,4%, e 28,2% para 44,5%; para as brancas, de 20,3% para 35,1%; para as mais pobres, de 33,6% para 51%; para as ricas, de 11,4% para 16,6% (Todos pela Educação, 2021, p. 3).

Dentro das desigualdades destacadas por Santos, Lima e Sousa (2020), as principais que dificultam a continuidade das atividades de ensino e aprendizagem dos estudantes são os problemas de acesso aos meios tecnológicos, como o uso da internet e de tecnologias digitais, resultantes da desigualdade social a que está submetida a maioria dos estudantes. Essa realidade alcança também os professores.

No período remoto se verificou dificuldades entre professores para adaptar as experiências pedagógicas presenciais para o universo online na educação infantil e dos pais que não tinham uma preparação necessária para auxiliar os seus filhos na fase inicial da aprendizagem.

É importante destacar o Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020, publicado com o intuito de reorganizar as atividades escolares em todo território brasileiro em decorrência ao cenário da Covid-19. Em relação à educação infantil, o parecer salienta uma questão importante: “[...] de não haver previsão legal nem normativa para oferta de educação a distância, mesmo em situação de emergência” (CNE, 2020, p. 9). Apesar do cenário de emergência, a educação infantil não se enquadra dentro das etapas que podem acontecer através da educação a distância, uma vez que a criança precisa vivenciar e estar presente num espaço de interação com os seus pares, para que haja uma troca entre as elas.

Esse documento diz ainda que:

No sentido de contribuir para minimização das eventuais perdas para as crianças, sugere-se que as escolas possam desenvolver alguns materiais de orientações aos pais ou responsáveis com atividades educativas de caráter eminentemente lúdico, recreativo, criativo e interativo, para realizarem com as crianças em casa, enquanto durar o período de emergência, garantindo, assim, atendimento essencial às crianças pequenas e evitando retrocessos cognitivos, corporais (ou físicos) e socioemocionais. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2020, p. 9).

Durante esse período, foram arrecadados R\$22,6 bilhões pelo Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), mas somente 1,2% foi usado para a expansão dos serviços, conforme previa a legislação (TCU, 2017, p. 52). Com a pandemia, as Leis 14.109/2020 e 14.173/2021 alteraram a Lei 9.998/2000:

Art. 1º É instituído o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), com as finalidades de estimular a expansão, o uso e a melhoria da qualidade das redes e dos serviços de telecomunicações, reduzir as desigualdades regionais e estimular o uso e o desenvolvimento de novas tecnologias de conectividade para promoção do desenvolvimento econômico e social. (Lei n. 14.109, de 2020).

[...] § 2º Na aplicação dos recursos do Fust será obrigatório dotar todas as escolas públicas brasileiras, em

especial as situadas fora da zona urbana, de acesso à internet em banda larga, em velocidades adequadas, até 2024. (BRASIL, 2020).

Embora a lei não incida sobre as causas mais amplas das desigualdades em nossa sociedade, é importante acompanharmos sua implementação de perto, pois, o acesso à internet para os mais vulneráveis é uma estratégia de enfrentamento aos desafios da exclusão digital, podendo contribuir para maior acesso à educação, presencial ou online.

3.2. SAÚDE MENTAL

De forma muito rápida, professores, escolas, pais e alunos tiveram que se adaptar a um novo modelo de educação mediada por tecnologia. Nem todos os profissionais de educação tinham familiaridade com tecnologias, então receberam treinamento, ou tiveram que se virar. A pandemia da COVID-19 impactou significativamente o cotidiano e a vida das pessoas, alguns grupos sociais foram mais afetados, como é o caso das pessoas com deficiência, idosos, indígenas, crianças e adolescentes, evidenciando prejuízos nos âmbitos do aprendizado, relações sociais e saúde mental.

A suspensão das atividades escolares ocorreu de forma imediata, as crianças tiveram seu cotidiano transformado de uma hora para a outra, e muitas delas passaram a apresentar mudanças no comportamento, questões emocionais como ansiedade, preocupação, irritação, entre outras. Além disso, autores como *Polanczyk (2020)* apontam que o distanciamento social de seus familiares, amigos e professores e a limitação de não poder sair de casa, somadas ao medo de ser infectado ou de ter alguém de sua família infectado, também impactaram a saúde mental dessa população.

No entanto, não foram muitos os estudos que objetivaram compreender a saúde mental de crianças e adolescentes durante a pandemia da COVID-19. Verificou-se uma escassez de estudos brasileiros abordando a saúde mental da criança durante o período pandêmico e o papel das instituições escolares nesse cenário. Grande parte dos estudos encontrados, são produções e orientações de organizações/instituições que

identificava como as crianças estavam vivenciando a pandemia, na perspectiva do cotidiano e orientações às famílias (Fundação Oswaldo Cruz, 2020a; Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2020; Folino et al., 2021; Fore, 2020).

As medidas de distanciamento social, juntamente com o fechamento de espaços de interação social, como a escola, impactaram o bem-estar da população infantil, com a vivência de sentimentos negativos (solidão, estresse, medo, frustração, incerteza etc.), além do estilo de vida (alimentação, sono). Crianças nascidas durante o período pandêmico apresentam um desempenho verbal reduzido comparado com o de crianças nascidas no período pré-pandêmico.

Tantos os pais quanto professores também foram impactados em sua saúde mental, pois tinham a sobrecarga de trabalho, a necessidade de auxiliar alunos/filhos nas atividades; o uso excessivo de telas e, em alguns casos, a dificuldade para utilizar as plataformas digitais, além de lidar com os afazeres da casa. Uma pesquisa feita pela NOVA ESCOLA em 2022, em parceria com o Instituto Ame Sua Mente, procurou analisar os efeitos da pandemia na saúde mental dos docentes, com participação de mais de 5 mil profissionais entre professores e gestores de todos os estados do país e do Distrito Federal, sendo 84,6% deles oriundos da rede pública. O levantamento revela que o número de educadores que consideram sua saúde mental “ruim” ou “muito ruim” aumentou em relação ao ano de 2021: de 13,7% para 21,5%. Em 2020, esse indicador havia ficado em 30,1%.

Entre as consequências negativas da pandemia mais citadas, destacam-se sentimentos intensos e frequentes de ansiedade (60,1%), seguidos por baixo rendimento e cansaço excessivo (48,1%) e problemas com sono (41,1%). Há, ainda, outros problemas apontados, como dificuldade de socialização e isolamento, sensação de tristeza e aumento do consumo de psicoativos e álcool.

Não podemos deixar de enfatizar que todos os profissionais da educação foram impactados pela pandemia e muitas famílias também, que todos lidaram com mortes precoces de familiares, muitas sequelas físicas e neurológicas foram causadas pela doença, muitas questões psicossomáticas, como medo, tristeza, ansiedade e pânico, relacionadas à

falta de convívio social.

Ainda existem desafios a serem superados, a partir da percepção na saúde mental das crianças, pais e professores, a escola, por exemplo, pode adotar estratégias visando a promoção da saúde mental, em que a Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, prevê que as redes públicas de Educação Básica contarão com serviços de Psicologia e Serviço Social, isso é fundamental pois dará suporte necessário aos alunos, pais e professores.

4. Projeto Conversas de Lugar Nenhum

O projeto de pesquisa *Conversas de Lugar Nenhum* tem como destaque apresentar questões relacionadas ao ensino remoto na pandemia e compreender os impactos causados na vida das crianças, adolescentes, professores, funcionários e entender as principais mudanças e as dificuldades psicossociais que a pandemia causou.

Atuei como bolsista no projeto entre fevereiro e dezembro de 2023. O projeto é coordenado pela Profa. Dra. Benedetta Bisol, que atua como docente e pesquisadora na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. O nome do projeto é inspirado pela ideia de utopia, que significa, literalmente ‘não-lugar’ (do grego, *ou* (não) e *topos* (lugar) um lugar fictício, imaginário, que ao mesmo tempo, tem suas características próprias, ideais. No período da quarentena, nos reunimos remotamente, estando em nossas casas, mas ao mesmo tempo estávamos juntos no mundo virtual. O projeto portanto questionava nossa capacidade de criar conexões, e de nós conversar, criando, a pesar da distância um discurso comum a todos nós.

Mais especificamente objetivo do projeto é compreender, examinar e discutir as repercussões do estado de pandemia no contexto educacional, individuando enfoques temáticos relevantes para a formação docente, nos seus mais variados aspectos e dimensões; Incentivar a produção de saberes que subsidiem a formação de professores e promovam práticas pedagógicas inclusivas e de qualidade no contexto da pandemia e, em perspectiva, na fase pós-pandêmica. Eu me interessei pelo projeto, com a intenção de entender as consequências da pandemia na sociedade e de

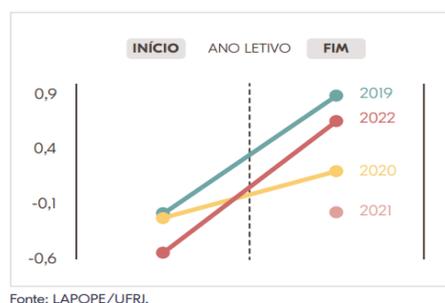
compreender os impactos causados tanto na educação, quanto na saúde mental de cada um.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, houveram diversas reuniões, sendo encontros presenciais e virtuais de planejamento, pesquisa, discussão e orientação da Profa. Dra. Benedetta Bisol. A professora apresentou artigos sobre as vivências de brasileiros e italianos durante a pandemia, enfatizando o campo educacional e seus desafios. A partir das reuniões e das conversas que tivemos, começamos a dar início às produções de podcast e a criação do site, que divulgará os materiais de pesquisa produzidos pelo projeto. Através dos trabalhos desenvolvidos para a realização do podcast, tivemos a oportunidade de escutar relatos de pessoas que ficaram na linha de frente durante a pandemia, mas também de estudantes, técnicos e docentes da UnB e de crianças em idade escolar.

5. LEVANTAMENTO DE DADOS

Os dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica, mostram que os impactos da pandemia no mundo educacional foram gigantescos. A interrupção das atividades presenciais prejudicou bastante a aprendizagem das crianças tanto na linguagem como na matemática. Dentro destes dados destaco em seguida os resultados de estudos desenvolvidos pelo *Laboratório de Pesquisas em Pesquisa em Oportunidades Educacionais - LaPOpE*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As pesquisas permitiram constatar que o grupo mais afetado foi o que concluiu a educação infantil em 2021. Este grupo foi o que teve o menor tempo de atividades presenciais durante a pré-escola, com um período de apenas seis meses. No grupo que concluiu em 2022, a aprendizagem foi mais rápida, mostrando assim uma certa recuperação dos efeitos da pandemia.

Gráfico 1: Nível em linguagem das turmas de pré-escola no início e fim dos anos letivos de 2019, 2020, 2021 e 2022.



O gráfico mostra que o grupo de 2022 teve um crescimento melhor do que o grupo de 2020.

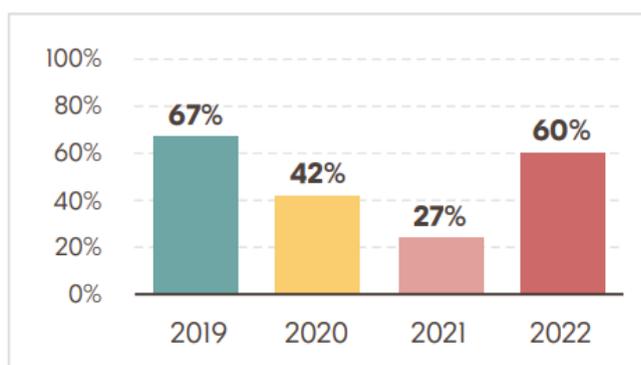
Gráfico 2: Nível em matemática das turmas de pré-escola no início e fim dos anos letivos de 2019, 2020, 2021 e 2022.



Fonte: LAPOPE/UFRJ.

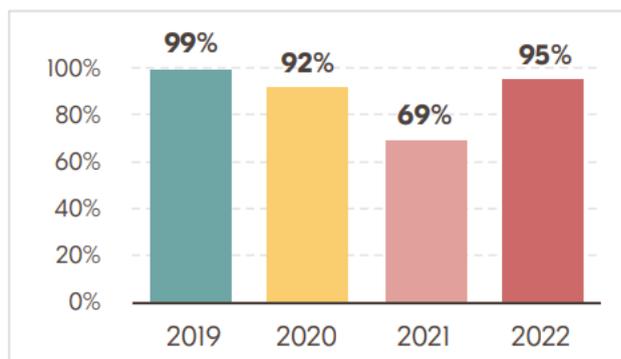
Os gráficos 3, 4, 5 e 6 descrevem partes específicas das habilidades na aprendizagem em linguagem e matemática. O grupo de 2019 teve uma porcentagem maior comparado aos grupos de 2020, 2021 e 2022. A porcentagem de 2021 mostrou o quanto as crianças foram afetadas, pois o seu índice foi bem baixo.

Gráfico 3: Percentual de crianças com capacidade de acertar 90% do teste de vocabulário receptivo, 2019, 2020, 2021 e 2022.



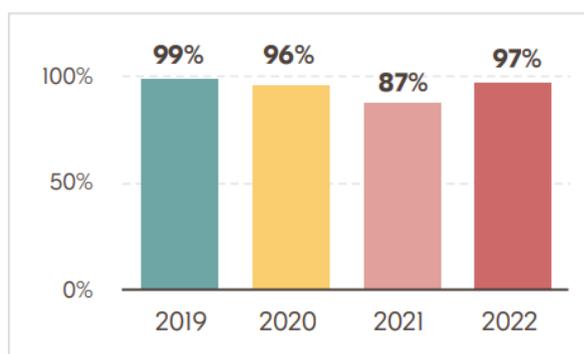
Fonte: LAPOPE/UFRJ.

Gráfico 4: Percentual de crianças com capacidade de acertar a identificação de letras do alfabeto e a diferenciação de texto e imagem, 2019, 2020, 2021 e 2022.



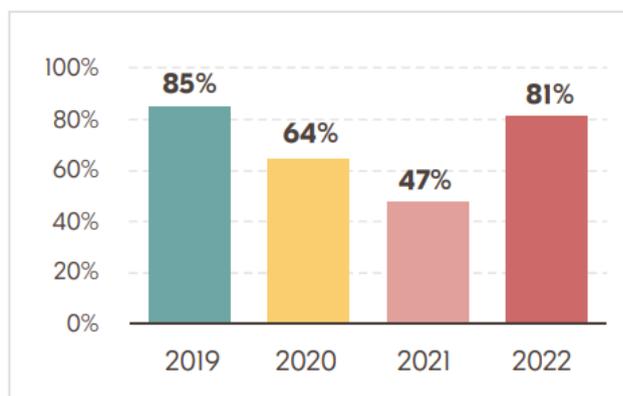
Fonte: LAPOPE/UFRJ.

Gráfico 5: Percentual de crianças com capacidade de acertar a resolução de contas simples e a identificação de números de 1 a 10.



Fonte: LAPOPE/UFRJ.

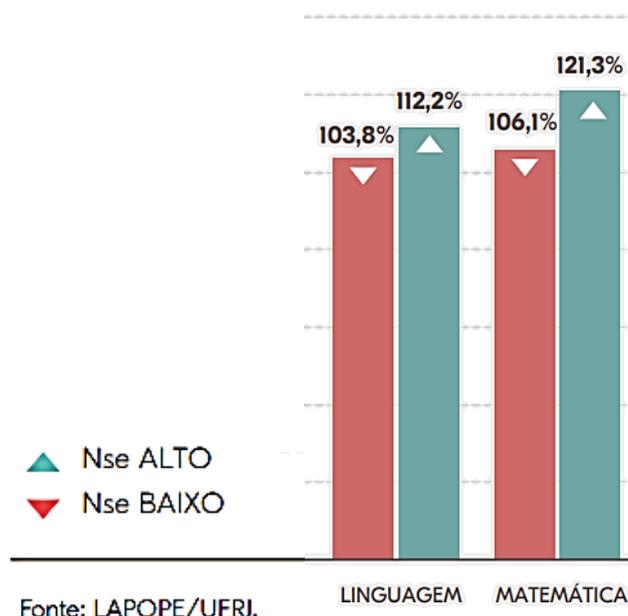
Gráfico 6: Percentual de crianças com capacidade de acertar a identificação de números de dois dígitos, contas informais difíceis e contas formais simples.



Fonte: LAPOPE/UFRI.

Outro impacto causado por conta da pandemia em 2020 foi o aumento das desigualdades de aprendizagem, ou seja, crianças em situação de maior vulnerabilidade social aprenderam menos, como demonstrado demonstra o gráfico 7 retirado do (nome do documento), onde é destacado as disparidades pelo nível socioeconômico (NSE).

Gráfico 7: Percentual de aprendizagem em Linguagem e Matemática por nível socioeconômico (NSE)



Fonte: LAPOPE/UFRI.

O gráfico de acordo com as pesquisas do MEC/INEP, 2019 a 2022, mostra o nível em Linguagem e Matemática, em crianças com maior vulnerabilidade social. A cor azul é o grupo que alto (que não foi tão prejudicado na pandemia), já o grupo vermelho é o baixo (o que foi mais prejudicado).

Os resultados apontam a necessidade de enfrentamento dos déficits e desigualdades de aprendizagens nos anos iniciais em decorrência da pandemia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar em qualquer área exige que estejamos prontos e abertos para aprender algo novo todos os dias e sempre. Gosto bastante de uma citação do Paulo Freire que está em sua obra *Pedagogia da Autonomia* que diz: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Acredito que aprendemos mais do que ensinamos, porque através de cada desafio ou a cada nova história, acabamos aprendendo de uma forma leve e singela, que só nos acrescenta muito ao longo da jornada.

A pandemia veio nos trazer grandes desafios acerca da alfabetização e letramento, no qual trouxe o seguinte questionamento: “Como alfabetizar em condições de vulnerabilidade econômica e exclusão social?”. Nessa pergunta entra muita a questão da desigualdade social.

É muito triste pensar que por mais que tenha uma lei onde se fala que todos têm direito a uma educação de qualidade, vemos que não é bem assim, ainda mais em tempos de pandemia, que tivemos que inovar para aprender. As instituições infantis diante da Covid-19 sofreram alterações que afetaram tanto as crianças, como também o contexto familiar.

Durante esse processo de isolamento social, as instituições adotaram medidas como o ensino remoto para essa etapa educativa, desconsiderando as especificidades da educação infantil, diante disso, surgiu a necessidade de observar mais de perto a abordagem realizada e como isso estava sendo passado para as crianças e suas respectivas famílias, os anos iniciais, é uma das fases mais importantes no desenvolvimento da criança, se ela tem uma pequena perda das atividades logo no início, no futuro fará falta, o letramento é fundamental para a inclusão social e para a participação ativa na vida em sociedade.

Desse modo, é de grande importância estudar e pesquisar sobre a perspectiva da família em relação ao ensino remoto na educação infantil

durante a pandemia da Covid-19 e os impactos que as mesmas passaram. A pesquisa teve como objetivo geral analisar a percepção das famílias em relação ao ensino remoto na educação infantil, durante o período da pandemia e a saúde mental das crianças, professores e pais.

A desigualdade social é algo marcante em nossas vidas, não é simples mudar, mas também não podemos deixar de lutar, as crianças em situação de vulnerabilidade foram as que de fato sofreram uma defasagem na aprendizagem por não ter acesso a redes de serviços adequadas. A ausência de contato entre docentes foi um grande obstáculo, a participação da família foi crucial, mas nem todas tinham o suporte necessário para ajudar os filhos, a pandemia trouxe um atraso em relação à aprendizagem relativa ao processo de alfabetização e desencadeou medo, ansiedade e gerou falta de socialização entre as crianças.

Claro que muitas pesquisas ainda precisam serem feitas para entender mais a fundo os impactos causados na alfabetização na fase da pandemia e essa situação é algo que incomoda, ainda mais sabendo que temos recursos, mas eles não são utilizados para atender a todos, embora a educação seja para todos, os suportes que são direitos estão sendo vistos como “inalcançáveis” na maioria das vezes.

7. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lília Bilati de. et al. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação, vol. 2, nº 1, p. 55-67. Volta Redonda/RJ, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/jistm/v2n1/05.pdf>>. Acesso em 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 15 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, 17 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de2020-261924872>>. Acesso em 2023.
- Castells, M. (2003). A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Decreto Nº 9.057, de 25 de Maio de 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm>. Acesso em 2023.
- Excluídos digitais. 28,2 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz IBGE. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/consumo/282-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-ibge/>>. Acesso em 2023.
- Famílias sem internet. Brasil tinha 7,280 milhões de famílias sem internet em 2021, revela IBGE. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/09/16/brasil-tinha-7280-milhoes-de-familias-sem-internet-em-2021-revela-ibge.htm>>. Acesso em 2023.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Fundação Maria Cecília Vidigal. O impacto da pandemia no desenvolvimento infantil e evidências de recomposição das aprendizagens. Disponível em: <<https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/o-impacto-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-e-evidencias-de-recomposicao-das-aprendizagens/>>. Acesso em 2023.
- Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ; Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira – IFF. (2020a). Impacto da COVID-19 na Saúde Infantil. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/impacto-da-covid-19-na-saude-infantil/>>. Acesso em 2023
- LDB, Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/legisla09.pdf>> . Acesso em 2023.
- LEI Nº 13.935, de 11 de Dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm>. Acesso

em 2023.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo.

MEC: Autoriza ensino a distância em cursos presenciais. Disponível em: <portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86441-mec-autoriza-ensino-a-distancia-em-cursos-presenciais>. Acesso em 2023.

OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em 2023.

Parecer CNE/CP nº 5/2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>> . Acesso em 2023.

Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022>> . Acesso em 2023.

Pobreza e desigualdade no Brasil: pandemia complica velhos problemas e gera novos desafios para população vulnerável. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/07/14/pobreza-e-desigualdade-no-brasil-pandemia-complica-velhos-problemas-e-gera-novos-desafios-para-populacao-vulneravel>> . Acesso em 2023.

Polanczyk, G. V. (2020). O Custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/?p=321462>>. Acesso em 2023.

Ribeiro, M. P., Clímaco, F. C. (2020). Impactos da Pandemia na Educação Infantil: a pandemia acelerou a necessidade de se problematizar a questão digital na educação infantil. *Pedagogia em Ação*, 13(1), 96-110.

Santos, E.; Lima, I. de S.; Sousa, N. J., de. (2020). Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. *Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica*, Salvador, (v. 05, n. 16), p. 1632-1648.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. 128 páginas.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da covid-19. Nota técnica, 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf. Acesso em 2023.

Unesco.Educação: do fechamento das escolas à recuperação. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response>>. Acesso em 2023.

Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/XTMw5xNXxS4zK9BK3pbBxxg/>>. Acesso em 2023

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovish. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Lui Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.